

A religiosidade presente em Poemas Negros, de Jorge de Lima, a partir da Mitologia dos Orixás

Palavras-Chave: Modernismo Brasileiro, Religiosidade, Mitologia Africana

Autores:

THIAGO ANTONIO FELIPPE [UNICAMP]

Prof. Dr. MARCOS APARECIDO LOPES [UNICAMP]

INTRODUÇÃO:

A profundidade da obra de Jorge de Lima é, normalmente, atrelada ao seu potente lirismo e capacidade imaginativa que busca sua inspiração, principalmente, nas memórias de infância e na espiritualidade. Conhecido por uma produção artística caracterizada pela pluralidade de temas, Jorge de Lima é um dos maiores representantes do modernismo brasileiro.

Nesse sentido, Gilberto Freyre (1997, p. 94) disserta, em prefácio à primeira reunião dos poemas em 1947, sobre a maestria de Jorge de Lima ao desvelar na obra, por meio de ritmos e imagens ditas “folclóricas” da cultura afro, a mescla cultural reconhecida pelo ensaísta como uma afro-agro-nordestinidade. Para ele “em nenhum país, [...] o descendente de africano tornou-se tão da terra como no Brasil.” (Freyre, 1997, p.92). Além disso, ao analisar a obra por essa ótica, Gilberto Freyre (1997) conclui que Jorge de Lima recria em sua poesia a cosmovisão dos descendentes africanos aclimatados ao Brasil sem deixar de reconhecer que ele próprio fala de um lugar que não é o lugar do negro escravizado e oprimido.

Contudo, Freyre não realiza em seu texto uma análise mais atenta à dimensão afro religiosa dos poemas, o que sugere, num primeiro momento, a redução do afro-brasileiro a uma espécie de “adereço” poético, sem reconhecê-lo como um possível agente cultural autônomo e, num segundo momento, a redução do próprio esforço de alteridade praticado por Jorge de Lima, que buscou, apesar da evidente presença de uma ambiguidade/contradição ideológica no que diz respeito às questões raciais no Brasil (VIANA, 1987; GOMES, 2012), transpor em seus poemas a religiosidade candomblecista. Cabe destacar, que em sua crítica à *Poemas Negros*, Roger Bastide (1948), importante antropólogo do século passado, também dirige pouquíssima atenção à dimensão religiosa dessa poesia.

Não obstante a quase ausência de uma leitura voltada especificamente para a religiosidade nos anos posteriores ao lançamento da obra em questão, Alfredo Bosi (2016) oferece algumas pistas para uma interpretação mais contundente da poesia religiosa presente na coletânea a ser analisada. No artigo “Jorge de Lima poeta em movimento (Do “menino impossível” ao Livro de sonetos)”, o ensaísta

destaca a importância do processo semântico da presentificação na poesia de Lima, representada, sobretudo, pelo recurso da invocação. Ele comenta que, por meio desse recurso, o eu lírico se aproxima empaticamente das “figuras de ex-escravos que povoaram os seus verdes anos” (BOSI, 2016, p. 187).

Além disso, o autor de *A Dialética da Colonização* também estabelece relações entre a noção de banzo, por ele definida como a “paixão da saudade” (BOSI, 2016, p.189), com algo aproximado ao estado de transe ou semi-transe, que precede a incorporação. Em sua análise de “Benedito Calunga” ele afirma, sobre o desfecho do poema, que Benedito se entregou “tão somente a Xangô, cujo banzo (mais que tristeza, paixão) o alforriou *para sempre* e o amuxilou, isto é, dele fez portador da vara listrada de preto e branco, o ixã, que afugenta os espíritos impertinentes.” (BOSI, 2016, p.188).

Portanto, na última estrofe do poema, Xangô faz do calunga Benedito seu “cavalo”, isto é, aquele que incorpora a divindade: “Benedito Calunga/ pertence ao banzo/ que o libertou, / que o amuxilou, / que o alforriou/ para sempre/ em Xangô. / Hum-Hum”. Ademais, se cotejarmos o poema e as narrativas mitológicas de Xangô (PRANDI, 2001, p. 245) concluímos que o banzo se torna o meio pelo qual se conectam médium e divindade, o presente e o passado mítico, e, conseqüentemente, o médium torna-se também um catalisador para uma nova realidade, uma vez que ele passa a ser portador da “essência” de Xangô, símbolo de potência e justiça, para sempre, alforriado no Aiê. Dessa forma, Jorge de Lima consegue condensar a dimensão mítica e simbólica da experiência religiosa candomblecista em sua expressão poética, o que corrobora uma interpretação da obra sob esse viés.

Isto posto, para melhor fundamentar a chave de leitura proposta é preciso explicar um pouco mais sobre o conceito de ancestralidade, fundamental para nossa análise. Segundo Eduardo David de Oliveira (2009), ancestralidade é a noção fulcral que estrutura uma epistemologia e filosofia afrocentrada aplicada ao solo brasileiro, o que a torna essencial para a viabilização da leitura comparativa entre os poemas religiosos e a mitologia dos Orixás. A importância desse conceito reside na sua atuação como parâmetro teórico para uma outra concepção de tempo e de experiência religiosa. Ele opera “reorganizando” a configuração temporal tradicional, ao privilegiar o binômio passado-presente e não binômio presente-futuro, como se observa nas sociedades ocidentais predominantemente judaico-cristã. Essa dinâmica é motivada pela crença de que o passado guarda as respostas para o presente, enquanto que o futuro é tratado como “potencial” e/ou “inevitável”. (OLIVEIRA, 2003). Ao tornar o pretérito a referência para a concepção de tempo, a filosofia africana busca na tradição as soluções e orientações para os problemas do agora, de modo que aquela é frequentemente revisitada e, conseqüentemente, renovada, fazendo com que o aprimoramento das dinâmicas culturais nessas sociedades esteja ancorado na sabedoria dos antepassados (OLIVEIRA, 2003).

Por isso, essa concepção de tempo exige a utilização das formas narrativas ontológicas da cosmovisão candomblecista para tentar interpretar com maior profundidade a poesia candomblecista em *Poemas Negros*. Os mitos utilizados nas análises estão presentes na obra intitulada *Mitologia dos Orixás*, publicada em 2001. Nela, o sociólogo Reginaldo Prandi nos explica como essas narrativas

atuavam como uma forma de retroalimentação das tradições e das culturas. Segundo ele, "é pelo mito que se alcança o passado e se explica a origem de tudo, é pelo mito que se interpreta o presente e se prediz o futuro, nesta e na outra vida." (PRANDI, 2001, p. 24). Destaca-se, por fim, a convergência de diferentes áreas das humanidades para o desenvolvimento deste trabalho. A mobilização e articulação de conceitos como o de tempo, experiência religiosa junto às representações do sagrado, corporificadas pelos poemas, e que podem estar presentes nas narrativas mitológicas, de modo que, para cotejá-los e interpretá-los, alguns recursos da teoria literária, da antropologia e da sociologia são imprescindíveis.

METODOLOGIA:

A metodologia adotada neste trabalho leva em consideração a análise do texto poético a partir da teoria literária. Cabe a compreensão dos recursos poéticos, presentes em *Poemas Negros*, como a invocação e a presentificação. Pretende-se encontrar, na forma e no conteúdo do *corpus poético*, as comidas ritualísticas, os instrumentos musicais, as danças, os elementos naturais e, principalmente, as representações dos orixás para uma interpretação do aspecto religioso do poema.

Para essa tarefa hermenêutica, será adotada uma abordagem pautada no conceito de ancestralidade como categoria analítica e, para um maior aprofundamento da análise, será realizada uma leitura comparativa entre os poemas religiosos e as narrativas mitológicas dos orixás. A partir do cotejo, pretende-se detectar os pontos relacionais entre as duas formas literárias, tanto no plano da forma quanto no plano do conteúdo e analisá-los criticamente, a fim de aprofundar a compreensão da natureza mítica da poesia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Como apontado na introdução, a necessidade de se observar analiticamente a poesia religiosa de Jorge de Lima em *Poemas Negros* foi motivada por uma lacuna na fortuna crítica do autor. Essa causada pela sobreposição de leituras que ressaltam o cunho sociológico da obra em detrimento de leituras mais cuidadosas acerca dos seus elementos candomblecistas. Contudo, ao longo das leituras notou-se que o autor possui contradições ideológicas que o impediram, em alguns momentos, de captar adequadamente a profundidade e beleza da espiritualidade candomblecista.

No decorrer da pesquisa foi observado que os poemas analisados apresentam uma ambiguidade ideológica, que é aprofundada por Dulce Maria Viana no artigo "O estatuto da ambiguidade: Jorge de Lima e a escravidão" (1987). No texto, a autora argumenta que a poesia negra de Jorge de Lima está atravessada por um discurso contraditório, porque apesar de seus versos denunciarem o sofrimento vivido pela população negra naquele tempo, eles exibem um preconceito velado em sua composição, sobretudo no que tange à exploração de estereótipos relacionados à mulher negra escravizada, como em "Essa Nega Fulô" (LIMA, 2016, p. 18-22), e à animalização dos corpos negros, como no poema "Xangô" (LIMA, 2016, p. 82-85).

A partir desse novo dado, e do questionamento proposto por Rodolfo Ilari no artigo “Notas sobre os Poemas Negros de Jorge de Lima” - a negritude em *Poemas Negros* é tida como um enfoque, um objeto de descrição ou simplesmente um ornato? (1988, p. 205) -, continuamos a analisar a religiosidade candomblecista em *Poemas Negros* em uma leitura comparativa com as narrativas mitológicas, mas sem deixar de considerar tal ambiguidade ou contradição ideológica. Essa nova postura interpretativa complexificou nossa abordagem e descortinou alguns resultados interessantes, uma vez que em poemas como “Obambá é Batizado” (LIMA, 2016, p. 64-65) e “Rei é Oxalá, Rainha é Iemanjá” (LIMA, 2016, p. 68) há uma arguta e sensível utilização dos elementos religiosos em sua composição e em poemas como “Diabo Brasileiro” (LIMA, 2016, 13-15) e “Quando ele Vem” (LIMA, 2016, 80-81) esses elementos aparecem enfraquecidos, representados de forma estereotipada e/ou superficial.

Observamos que outros fatores podem conferir mais ou menos profundidade religiosa aos poemas, como, respectivamente, a intenção de denunciar as violências sofridas pelos negros ou de descrever os rituais candomblecistas. No poema “Obambá é Batizado”, por exemplo, há a mobilização da divindade Oxóssi para abençoar/acolher um escravo que fugiu: “Licença tem/ babalaô, babalaô./ Licença tem./ Na fé de Zambi te digo:/ Obambá é batizado, confirmado e coroado./ Oxóssi está reinando: dá pra ele”. Segundo o dicionário Priberam, o vocábulo “Zambi” significa: um líder de quilombo (zumbi); o Orixá correspondente ao Deus cristão no culto banto. De modo que, ao alinhá-lo à figura de Oxóssi para legitimar a chegada no negro escravizado, no que pode ser visto com a chegada em um quilombo, o eu lírico viabiliza por meio do ritual essa entrada num refúgio terreno (o quilombo em si) e espiritual (a fé dos Orixás), uma vez que, segundo a Mitologia dos Orixás, “Oxóssi é o grande caçador” (2001, p. 113), provedor do sustento e guardião das matas.

Por outro lado, no poema “Quando ele vem”, Lima privilegia a descrição superficial, e certamente exagerada, do processo de incorporação de Exu em detrimento da profundidade mitológica e simbólica representada por essa divindade. Se nos versos “Donde que é que ele vem?/ Vem de Oxalá, vem de Oxalá,/ vem do oco do mundo,/ vem do assopro de Oxalá,/ vem do oco do mundo.” o autor sugere que fará um aprofundamento na paradoxal origem da entidade ou na sua complexa relação com o tempo, “Assim, o mais novo dos Orixás,/ o que era saudado em último lugar,/ passou a ser o primeiro a receber os cumprimentos./ O mais novo foi feito o mais velho./ Exu é o mais velho, é o decano dos Orixás.” (2001, p.45), essa possibilidade é substituída por uma série de versos que, marcados pelo recurso da anáfora e da enumeração, constroem uma representação de Exu distanciada do que nos é sugerido anteriormente: “Quer é comer./ Quer é caruru de peixe”; “Quando ele chega, tudo fica banzando à toa, /esbodegado, enquizilado, enguiçado, enfezado.”; “sumir no assopro de Oxalá./ E dentro do assopro de Oxalá / virar cochicho nos ouvidos dela,/ xodozar todo o santo dia,” E, apesar de nestes versos conseguirmos perceber um pouco da dualidade inerente a Exu, fica a impressão de que os versos que exploram o mito de origem da divindade foram utilizadas apenas como ornamento, sem uma maior relevância semântica para o poema.

Dito isso, com o propósito de melhor sistematizar os cotejos, as interpretações e o confronto das análises, os 10 poemas selecionados serão divididos em 2 grupos: Poemas Perenes e de Ritual, Poemas de Denúncia e Resistência. O primeiro grupo consiste nos poemas cuja temática está relacionada, predominantemente, às descrições das divindades e das práticas ritualísticas em si, e o segundo grupo é composto pelos poemas que reelaboram na expressão poética os elementos religiosos e a ancestralidade como agência contra a opressão colonial.

CONCLUSÃO:

Este resumo objetivou apresentar o trabalho desenvolvido no projeto de Iniciação Científica em questão. Com a intenção de ampliar a fortuna crítica do poeta modernista Jorge de Lima, de aprofundar as discussões relacionadas à intersecção entre religião, literatura e mitologia e de especular sobre as possibilidades e formas de se representar a alteridade por meio da poesia, a pesquisa pauta-se no conceito de ancestralidade para legitimar a leitura comparada entre os textos poéticos limianos e as narrativas mitológicas dos Orixás para tentar elucidar novas interpretações, e aprofundar as já existentes, a partir do *corpus poético* selecionado.

BIBLIOGRAFIA

- BASTIDE, Roger. Doçura do Leite das Negras. **Letras e Artes**, São Paulo, 22 fev. 1948.
- BOSI, Alfredo. Jorge de Lima poeta em movimento (Do "menino impossível" ao Livro de sonetos). **Estudos Avançados**, p. 183-207, 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ea/v30n86/0103-4014-ea-30-86-00183.pdf>>. Acesso em: 11 de março, 2021.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 45. ed. São Paulo, SP: Cultrix, 2010.
- VIANA, Dulce Maria. O estatuto da ambigüidade: Jorge de Lima e a escravidão. 1987.
- GOMES, Carlos Magno. A ambigüidade racial na poesia de Jorge de Lima. *Revista Araticum*, v. 5, n. 1, 2012.
- ILARI, Rodolfo. NOTAS SOBRE " OS POEMAS NEGROS" DE JORGE DE LIMA. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 15, p. 199-206, 1988.
- LIMA, Jorge de. **Poesia completa**. Rio de Janeiro, RJ: Nova Aguilar, 1997.
- LIMA, Jorge de. **Poemas negros**. Ed. ampliada. Rio de Janeiro, RJ: Alfaguara, 2016.
- OLIVEIRA, Eduardo David. **Cosmovisão africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente**. Fortaleza: LCR, 2003.
- OLIVEIRA, Eduardo David. Epistemologia da Ancestralidade. **Revista Entrelugares – Revista de Sociopoética e abordagens afins**, 2009 – Disponível em: <<http://www.entrelugares.ufc.br/phocadownload/eduardo-resumo.pdf>>. Acesso em: 13 de março, 2021.
- PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2001.